

A PERCEÇÃO DOS ADOLESCENTES SOBRE SUAS CONVERSAS COM OS PAIS¹

ADOLESCENTS' PERCEPTIONS ON THEIR TALKS TO PARENTS

Marcele Schoelze² e Ana Cristina Garcia Dias³

RESUMO

O objetivo neste estudo foi investigar a percepção dos adolescentes acerca das conversas que eles estabelecem com seus pais. Para tanto foram aplicados 2 questionários em jovens, entre 13 e 17 anos, de escolas públicas do município de Santa Maria. Observou-se que os adolescentes pesquisados geralmente consideram boas suas conversas com os pais, contudo eles observam que não conversam sobre muitos aspectos importantes de suas vidas com os pais. Os tópicos mais abordados nas conversas foram temáticas referentes à escola, saúde e escolha profissional, enquanto os tópicos mais difíceis de serem abordados foram a sexualidade e os problemas pessoais. Conclui-se que os jovens consideram boas as conversas com os pais, contudo essas são superficiais e insuficientes, pois não contemplam a discussão de tópicos importantes ao seu desenvolvimento.

Palavras-chave: jovem, escola, família

ABSTRACT

The aim of this study was to investigate adolescents' perceptions on their talks to parents. Two questionnaires were answered by adolescents with ages from 13 to 17, in city public schools in Santa Maria. It was observed that the researched adolescents consider these talks usually good, however they observe that they do not frequently talk about important issues in their lives. The most approached topics are on school, health and career, while harder topics are sexuality and personal problems. It is concluded that in spite of being considered good, the talks are superficial and insufficient, for they do not contemplate the discussion of important topics for their development.

Key words: young, school, family

¹ Trabalho Final de Graduação - TFG.

² Acadêmica do Curso de Psicologia - UNIFRA.

³ Orientadora - UNIFRA.

INTRODUÇÃO

Na adolescência, os jovens se deparam com um novo corpo, um novo modo de ser, desejam ser tratados como adultos responsáveis, mas ao mesmo tempo apresentam atitudes infantis. Todas essas transformações e oscilações que ocorrem na adolescência não afetam apenas o adolescente, mas também se estendem ao ambiente familiar (ERIKSON, 1987). De fato, os pais que antes podiam se ocupar com chupetas, fraldas, tarefas escolares, brinquedos vêm-se agora diante de seu “novo” filho, que apresenta outras necessidades

As transformações pelas quais passa o jovem na entrada da adolescência afetam a maneira como se dá à relação entre os pais e filhos neste período. De fato, modifica-se os padrões de comunicação e controle dentro da família durante a adolescência (CARTER; MCGOLDRICK, 1995).

Neste trabalho, a busca é compreender-se como se desenvolvem os diálogos entre pais e filhos na adolescência. Nosso interesse dirige-se à compreensão de: Como os jovens percebem as conversas que mantêm com os pais? Que assuntos abordam em seus diálogos com os pais? Quais as dificuldades que encontram nessas conversas?

O DESENVOLVIMENTO DO ADOLESCENTE E A PERCEPÇÃO DOS PAIS ACERCA DESSE PROCESSO

Na adolescência, sabe-se que o jovem inicia um processo natural de separação dos pais, que visa à construção da identidade própria. Aberasturi e Knobel (1981) afirmam que essa é uma das tarefas básicas que acompanham a criação da identidade do indivíduo.

Na adolescência observa-se que os vínculos afetivos que antes se limitavam aos cuidadores e ao convívio familiar, se alargam e abrangendo o ambiente escolar, os grupos de amigos e demais ambientes e indivíduos de seu convívio social. Para D’Andrea (1991), isso ocorre em três etapas: pré-puberdade, puberdade e pós-puberdade.

Na etapa inicial, o jovem apresenta um conflito acentuado entre dependência e independência. Netto (1974) coloca que o adolescente deve ser capaz de realizar suas escolhas pessoais, como se irá fazer uma faculdade, qual será o curso, as amizades que deve possuir com quem irá namorar. No entanto, deve, ao mesmo tempo, manter uma relação de afeto e respeito com os pais, considerando as opiniões deles. Os pais podem agir de maneiras distintas em relação a essa necessidade de independência dos

filhos: podem tolhê-la ou estimulá-la exageradamente. É também comum nessa etapa que o adolescente empenhe-se para parecer diferente de seus pais, que são vistos agora como antiquados, pois, como afirma Marshall (1992), as preferências musicais, o modo de vestir, os valores dos pais estão ultrapassados perante as novidades atuais. Isso pode gerar nos pais ressentimentos que levam, muitas vezes, a criticar as atitudes de seus filhos.

Em torno dos treze anos de idade, inicia-se a puberdade que se caracteriza, segundo Santrock (2003), pela maturação dos órgãos reprodutores. As atitudes dos pais terão grande influência na aceitação dos jovens de seu papel masculino ou feminino. Como exemplo: uma jovem que possui uma mãe satisfeita com sua posição de mulher um pai que aprecie sua esposa terá um reforço positivo de sua condição feminina, enquanto uma jovem que possui uma mãe frustrada com sua posição e depreciada pelo marido terá uma visão negativa da condição feminina.

A pós-puberdade é o estágio, no qual o jovem irá fixar sua identidade. A busca por independência nesta etapa, muitas vezes, é considerada pelos pais como um mau comportamento, pois esses tendem a prolongar o máximo possível a dependência dos filhos uma vez que acreditam que os filhos irão sofrer e ficar desamparados, estando distantes de sua proteção (COLE; COLE, 2003).

Aberasturi e Knobel (1981) descrevem algumas características que a maioria dos adolescentes da cultura ocidental apresentam em comum. O autor observa que o jovem passa por um período de desequilíbrios e instabilidades extremas. Na concepção do autor, a adolescência se “configura em uma entidade semipatológica” que ele denomina de *Síndrome da adolescência normal*. Essa fase comporta uma série de conflitos, reajustamentos, expectativas e novas situações. Netto (1968) afirma que:

As transições da adolescência – como a passagem do status não responsável para o responsável e da submissão infantil para a dominância ou assunção do papel sexual adulto – não se dão gradual, contínua e suavemente, mas de modo súbito, e são marcadas por restrições, interferências, proibições, conflitos morais e perturbações (pág.96).

Como vimos, as atitudes dos pais e seus sentimentos podem interferir na maneira como os filhos experienciam a adolescência. Rassial (1997), em seu livro intitulado: *A passagem adolescente*, questiona sobre os efeitos que a adolescência dos filhos provoca nos pais. O autor pergunta-se: Quais conflitos são experienciados pelos genitores? Que mudanças são exigidas?

Que sentimentos são suscitados? Ele observa que os pais, nesta fase da vida do filho, devem mudar de posição, não só por razões sociais e pelos outros tipos de responsabilidade que isso implica, mas também por razões psíquicas. Observa-se que existem diferenças importantes entre ser pai ou mãe de uma criança e ser pai ou mãe de um adolescente.

Winnicott (2001) também nos indica que, enquanto a tarefa dos pais de uma criança é instrumentalizá-la para ser autônoma, a função dos pais de um adolescente é permitir ao mesmo que este se torne independente. Então, observa-se que assim como os adolescentes separam-se progressivamente de seus pais, esses pais também devem se separar de suas crianças que na infância eram tratadas quase como uma extensão deles.

A mudança de lugar dos pais implica que esses devem rever seus papéis em relação aos filhos (que deixam de ser tão dependentes) e ao cônjuge. Mãe e pai devem rever agora seus papéis, enquanto mulher e homem, pois em algumas situações foram ocultados pela própria forma como marido e esposa invocam um ao outro como “pai” e “mãe” e não mais pelos próprios nomes. Contudo, abandonar as funções paternas não é fácil, uma vez que o sujeito, nessa fase da vida, passa por diferentes transformações tanto corporais como sociais e psicológicas (MORAES, 2001).

A mulher - mãe que, antes podia estar atenta apenas ao universo do lar, pode perceber-se agora envolta com suas escolhas e necessidades enquanto mulher. Contudo, muitas vezes, é nesse período que ela se encontra ou está entrando na menopausa, o que a questiona também em relação a sua função feminina. Bolsanello (1988) lembra que assim como o corpo da menina se modifica com a puberdade, o corpo da mulher se modifica na menopausa. A pele não apresenta a mesma vitalidade, os seios murcham e os cabelos começam a perder sua pigmentação. Esses aspectos físicos influenciam na sua auto-imagem e, conseqüentemente, em seu psicológico.

Quanto ao homem - pai, que no lar podia sentir-se tão valioso quanto o seu próprio pai, pode perceber agora, através de seu filho adolescente, que nada mais é do que um elo na cadeia das gerações. A juventude e potencialidade do filho podem lhe assinalar qualidades que antes ele possuía com vigor. Diferente da mulher, para quem o corpo nesta fase devido à menopausa recebe maior destaque, o homem encontra-se atento a sua posição profissional que pode estar mudando, por exemplo, pode estar chegando à aposentadoria (BOLSANELLO, 1988).

Os pais podem tentar, também resgatar nessa etapa o que os filhos, através de suas mudanças corporais, os relembram: a feminilidade da mãe, a vitalidade do pai que pode ressurgir através de atividades esportivas. Essas mudanças serão mais visíveis dependendo do quanto homem e mulher

abriram mão de si para apenas assumirem os papéis paterno e materno. Assim, pode-se perceber que os pais encontram-se em um momento de fragilidade, em que necessitam de uma reconstrução de seu “eu” nesta nova etapa da família (BOLSANELLO, 1988).

Além disso, a adolescência dos filhos remete o casal a sua própria adolescência, lembrando-os dos sonhos que possuíam e das escolhas que fizeram. Em relação aos papéis materno e paterno relembram seus pais, nem que seja apenas para constatarem o quanto suas adolescências foram difíceis para aqueles. Carr e Shale (2003) colocam que uma boa opção para os pais é manter diálogos com seus próprios pais:

Se possível, converse com seus próprios pais sobre suas preocupações com os filhos. Quase sempre os avós vão adorar relembrar como você agia quando era adolescente e as traquinices nas quais se envolvia. Os avós estão numa posição muito cômoda para fazer comentários sobre as semelhanças entre você como criança e adolescente, e os seus próprios filhos (págs. 7 e 8).

Outros aspectos vivenciados neste período são apontados por Santrock (2003). Este autor assinala que diversas pesquisas comprovam que a insatisfação aumenta, no período da adolescência dos filhos, pois dificilmente os anos de convivência foram de calma como o planejado anteriormente. Durante o desenvolvimento dos filhos, inúmeros conflitos podem ter desgastado a relação do casal. O casal também pode se sentir mais exigido economicamente, pois, quando os filhos estão na adolescência, eles são mais suscetíveis e passam a realizar maiores exigências em relação a bens de consumo. Além disso, neste momento, eles realizam reflexões acerca de sua própria trajetória profissional. Ao perceberem os filhos com suas perspectivas futuras, os pais questionam se alcançaram os objetivos que almejavam em sua juventude e também se questionam o que ainda podem construir para seu futuro.

Vemos então que esta etapa é difícil tanto para adolescentes quanto para os pais que se encontram em um período de questionamentos e transformações. Enquanto os jovens precisam desenvolver sua identidade e conquistar sua autonomia, os pais, além de precisarem lidar com todas as questões que a adolescência de um filho suscita assim, possuem uma difícil tarefa: a de deixá-los partir. Vimos que o caminho da educação, desde o nascimento, é a preparação para a separação que ocorre entre pais e filhos, mais frequentemente, quando os últimos adolecem (RASSIAL, 1997). A mudança de lugar dos pais não se dá repentinamente, é um processo lento que vem, na verdade, desde o nascimento do bebê, considerando que o processo educativo visa à autonomia.

Gillini e Zattoni (1998) indicam que é comum os pais colocarem obstáculos no processo de separação deles com o filho adolescente. Muitos pais nem percebem que sentenças como “preservar meu filho de sofrimentos” podem, na verdade, mascarar o medo que eles possuem perante o crescimento dos filhos.

Bolsanello (1988) observa diferentes sentimentos nos pais que acabam interferindo em sua relação com os filhos, muitas vezes, prejudicando o desenvolvimento de seu processo de autonomia. O medo de que o filho sofra em sua ausência, a necessidade de preservar sua autoridade, a idéia de que os jovens não são capazes de se governarem, o ciúme das relações que os jovens mantêm fora do ambiente familiar podem ser “desculpas” para impedir a independência dos filhos. De fato, a emancipação dos filhos pode ser acompanhada por sentimentos de menos valia experienciados pelos pais. Parte disso se deve a todos os fatores anteriormente citados e outra parte porque os adolescentes olham para os pais de forma mais crítica, analisando seus valores e modo de vida (BECKER, 1985). Além disso, a posição que os pais ocupam na vida dos filhos sofre mudanças, mas isso não significa que eles se tornem menos importantes.

Bolsanello (1988) ainda lembra que determinadas atitudes dos pais são de grande valia e devem ser observadas por eles em suas relações com os filhos. Os pais devem demonstrar paciência. Observa-se que é difícil para os pais perceberem que suas normas e regras para um bom funcionamento do lar são questionadas e colocadas à prova, especialmente pelos filhos adolescentes em seu processo de independência. Contudo, a atitude de impaciência apenas torna os conflitos mais freqüentes. Outra atitude importante é a atenção dos pais aos filhos. Eles devem estar atentos, pois os filhos apresentam novas dificuldades e dúvidas que podem ser amenizadas através de uma escuta atenta e sem julgamentos. A tolerância, da mesma forma, apresenta-se como uma característica importante. Tolerância não significa deixar o adolescente sem limites, mas sim compreender que o jovem agora possui necessidades que nem sempre envolvem a presença dos pais. Por fim, atitudes firmes e coerentes também são necessárias ao bom desenvolvimento do filho. Vemos que, embora os adolescentes se rebelem contra ordens e limites, a ausência desses e a liberdade em demasia os deixarão desorientados, sem parâmetros de orientação.

Alguns sofrimentos e angústias do adolescente podem parecer banais para os pais, porém devem ser assistidos com apreço, pois são sentidos e vivenciados com grande intensidade pelo adolescente. Berger (2003) relata que os maiores conflitos entre pais e filhos ocorrem no início do adolescer e tendem a diminuir quando os pais percebem os filhos amadurecendo.

Para um melhor convívio entre pais e filhos adolescentes, Bolsanello (1988) sugere que os pais devem lembrar que a adolescência é uma fase de adaptações, na qual o jovem encontra-se confuso e necessita compreensão e auxílio. Como foi citado anteriormente, os pais podem buscar em suas próprias adolescências elementos para compreender os filhos. Eles podem ajudar o filho em suas decisões, mas jamais tomar essas por eles, pois isso pode ser prejudicial. O jovem pode se isentar das conseqüências das decisões, uma vez que não foi tomada por ele mesmo. Bolsanello (1988) indica:

Certas incoerências têm de ser compreendidas, e toleradas, uma vez que o adolescente, na sua marcha para a vida, adulta, pode regredir para formas de comportamento infantil, mesmo que passageiramente. É bom lembrar que é difícil a sua situação uma vez que não é mais criança, mais ainda não é adulto, ficando em zona indefinida quanto à possibilidade de participação da vida. (pág. 406).

Os pais também devem atentar para o fato de que o filho é um ser social que está, neste período, tentando situar-se na sociedade. Críticas podem ser utilizadas, mas somente quando muito necessário, para demonstrarem sempre que a intenção é de auxiliar e não depreciar. Atividades dentro e fora do lar, de interesse comum, visando a aproximar pais e filhos também podem produzir resultados positivos. O diálogo deve ser uma prática comum, os filhos devem se sentir à vontade para expor suas dúvidas e percepções.

DIÁLOGO ENTRE PAIS E FILHOS ADOLESCENTES

Outeiral (1994) aponta que o grupo familiar acompanha as mudanças culturais sofridas pela sociedade. Uma dessas mudanças se percebe na relação pais e filhos que antes era baseada na hierarquia e hoje preza por um modelo mais igualitário baseado no diálogo.

Como se sabe, a estrutura familiar passou por muitas modificações nos últimos anos. A família trocou o modelo hierárquico, no qual os papéis eram rigidamente estabelecidos e o poder centralizado na figura do pai, por um modelo igualitário, no qual se destacam os ideais de liberdade e respeito à individualidade. Neste modelo, não é correto que os pais imponham suas idéias aos filhos ou os proibam de fazer certas coisas. O desenvolvimento dos filhos passa a ser orientado pela experimentação e descoberta. O *diálogo*, e não a autoridade, impõe-se como valor fundamental na educação e nas relações familiares (Figueira, 1991).

Apesar desse atual modelo de educação e relação, o diálogo entre pais e filhos nem sempre é freqüente e franco. A sexualidade, por exemplo, é um dos assuntos mais difíceis de serem abordados nas conversas estabelecidas entre pais e filhos adolescentes. Sabemos que ela assume grande importância na adolescência não só para o jovem, que vive as modificações corporais que habilitam o novo corpo a exercê-la, mas também para os pais. Os pais têm a função de orientar o adolescente para um exercício seguro de sua sexualidade. Dias e Gomes (1999) descrevem que os jovens se sentem constrangidos e acreditam que os pais podem tolhê-los ao iniciar nem uma conversa sobre sexualidade. Já os pais, demonstram sentirem-se despreparados para esclarecer e orientar seus filhos para o exercício da mesma.

A sexualidade não é o único tópico difícil de ser abordado, o diálogo, de modo geral, não parece ser simples para os adolescentes. Meneguetti e Gomes (2004), na obra, *Ser adolescente*, afirmam que, na pesquisa realizada para a construção dessa obra, verificaram que o diálogo, na percepção dos adolescentes, é difícil de ser estabelecido. “Segundo os jovens, um dos fatores que dificultam o diálogo é o medo das reações paternas ao que é dito pelo filho e, em conseqüência, das restrições que possam advir daí, diminuindo ainda mais a confiança existente” (Pág.48). Além dessa dificuldade, os autores observam que as preocupações cotidianas dos pais e diferenças na escolaridade dos pais (freqüentemente menor que dos filhos) são outros elementos que dificultam o estabelecimento de uma boa relação. Os pais podem ser vistos pelos filhos como incapazes e sem informações atualizadas para oferecer.

Meneguetti e Gomes (2004) também mostram que os jovens, apesar de apontarem dificuldades no estabelecimento do diálogo com os pais, consideram que conversar com os pais é de extrema importância. Perceberam os adolescentes do estudo desses autores que é mais fácil conversar com a mãe do que com o pai, contudo a forma de diálogo (“conversar xingando”) pode fazer com que o adolescente busque outras fontes de informação além dos pais.

Muitas vezes, os pais percebem seus xingamentos como aconselhamentos, porém para os jovens, esse é um fator que acaba por distanciá-los dos pais. Outra percepção dos jovens é que os pais não dão a devida importância as suas falas, levando dessa forma os adolescentes a dialogarem com pessoas fora da família nuclear. Contudo, o grupo extrafamiliar irá pressionar o adolescente e fazer-lhe exigências, nesse momento, o jovem pode retornar à família para buscar aconselhamento e expor suas dúvidas (MENEGUETTI; GOMES, 2004).

Wagner et al. (2002) indicam que, na adolescência, a comunicação familiar é de grande importância. Os adolescentes consideram possuir uma boa comunicação no ambiente familiar, contudo, contrariar a autoridade dos pais faz parte da Síndrome da Adolescência Normal.

Em seu artigo, intitulado *A comunicação em famílias com filhos adolescentes* ela também aborda a questão: como os filhos percebem suas conversas com os pais? Wagner et al. (2002) reconhecem que, embora a família tenha sofrido transformações nas últimas décadas, a mãe continua a cuidadora da casa e dos filhos, principalmente em aspectos relacionados à educação dos filhos.

Pick e Palos (1995, apud Wagner et al. 2002) constam que os filhos sentem-se mais confortáveis para dialogar com a mãe. Esses mesmos dados são encontrados na pesquisa realizada por Meneguetti e Gomes (2004). Esses autores concluíram que os adolescentes consideram o diálogo com os pais difícil de ser estabelecido.

Com base nessas pesquisas, surgem as seguintes questões: Qual a qualidade das conversas estabelecidas entre pais e adolescentes? Sobre o que versam esses diálogos? Como os jovens se sentem na conversa com os pais? O que esperam dessas conversas? São essas as questões que o presente trabalho se propõe a investigar, utilizando, para isso, o ponto de vista dos adolescentes.

MÉTODO

DELINEAMENTO

O estudo foi realizado em dois momentos. Em um primeiro momento, foi aplicado um questionário exploratório com questões abertas que tinha por objetivo verificar aspectos gerais da comunicação dos adolescentes – qualidade da comunicação, os assuntos sobre os quais conseguem conversar e quais assuntos possuem maiores dificuldades. Com base nesse questionário, foi realizado um segundo questionário que buscou explorar, através de questões fechadas e abertas, como está a relação dos adolescentes com seus pais, se eles estão mais próximos, para isso deu-se ênfase ao diálogo entre eles, verificando quais assuntos ainda são difíceis de serem abordados, como os jovens percebem a postura dos pais quando vão se aconselhar com eles.

INFORMANTES

Foram informantes do estudo quinze adolescentes de ambos os sexos com idade entre 12 e 15 anos que cursavam a sétima série do

ensino fundamental de uma escola pública do Município de Santa Maria. A maior parte desses jovens residia com pai e mãe (10 com ambos pais e 5 somente com a mãe). O segundo questionário foi aplicado em 33 adolescentes da oitava série de uma escola Estadual do Município de Santa Maria, com idades entre treze e dezessete anos, sendo dezoito meninos e quinze meninas. Desses jovens, dezenove habitavam com ambos pais, seis somente com a mãe e os demais habitam com outros parentes (avós, tios e primos). A aplicação dos questionários em instituições diferentes decorreu do fato de a primeira entrar em período de prova no momento da coleta dos dados.

INSTRUMENTO E PROCEDIMENTOS

O questionário foi desenvolvido a partir da revisão da literatura, sendo aplicado, coletivamente, em sala de aula. Antes da aplicação do questionário, enviou-se à família dos jovens um termo de consentimento informado, explicaram-se os objetivos do estudo e solicitou-se a autorização para participação do filho na pesquisa.

ANÁLISE DOS DADOS

Para as respostas abertas do primeiro e segundo questionário, foi realizada uma análise de conteúdo, conforme a proposta de Laville e Dionne (1999). Estes autores definem a análise de conteúdo como o momento em que as entrevistas são avaliadas no sentido de buscar o significado, o conteúdo das respostas. Analisam-se as falas através do desmembramento de sua estrutura, em termos de conteúdos. Para as questões fechadas do segundo questionário, foi realizado um levantamento das freqüências das respostas.

RESULTADOS

A seguir, serão apresentados os resultados para cada uma das questões investigadas no questionário 1 (Q1 – *Como os meus pais me vêem*). Então apresentaremos o levantamento de dados do segundo questionário (Q.2 – *Relação com os pais*). É importante ressaltar que os nomes dos adolescentes de ambos os questionários foram trocados para preservação da privacidade dos mesmos.

Q1 – Como é a relação com meus pais nos dias de hoje

Em geral, os adolescentes descrevem possuir uma boa relação

(legal) com os pais, especialmente com a mãe que é a figura relatada como a mais próxima deles. Eles falam sobre os problemas e consideram que recebem auxílio dos pais. Alguns relatam algumas brigas, incompreensões, mas essas são percebidas como passageiras. Eles compreendem que os pais realizam observações e “brigas” para o bem deles. Observe as respostas abaixo:

“Normal, me dou bem com meus pais. Eles me compreendem, e eu compreendo eles”. (Michele, 13 anos)

“Uma relação boa, amigável, não tenho problemas, se eu tenho algum problema eu falo com eles”. (André, 13 anos).

“É razoável, meus pais me ensinam muitas coisas da vida para mim. Me preparam para o mundo, mas não aceito, quando eu erro, eles não entendem às vezes que sou jovem, adolescente que é normal errar na minha idade e muitas vezes temos conflitos”. (Beatriz, 12 anos).

“É bom, mas de vez em quando têm algumas brigas, mas sempre estamos de bem. Minha mãe é um pouco chata, mas o que ela briga é sempre pro meu bem. O meu pai eu não sei como ele age, porque nunca morei com ele, mas moro com o meu padrasto, ele é muito legal. Não tenho queixa dele”. (Karen, 13 anos).

“Muito boa. Nós se acertamos muito bem, mas sempre tem aquela hora que minha mãe pega no meu pé (...)” (Flávio, 14 anos).

Q1 - O que Eu converso com meus pais

Os jovens relatam conversar sobre diversos assuntos, especialmente sobre o colégio e o uso de drogas. Outras temáticas como saúde, sexualidade, “mundo lá fora”, amizades, futuro, notas, também são abordados. Observa-se pelas respostas dos adolescentes que eles recebem mais conselhos dos pais sobre como se comportar. Alguns chegaram a relatar que não possuem muito diálogo com os pais.

“Eu converso vários assuntos, mas o assunto que mais conversamos é sobre o colégio e como o mundo é lá fora”. (Joana, 13 anos)

“Converso sobre como estou no colégio. Falo sobre as drogas que não é bom, também para eu nunca mentir para minha mãe e ser sempre honesto com os outros”. (Pedro, 13 anos)

“Eu converso com eles sobre honestidade e drogas. Eles sempre me dizem: você nunca deve pegar uma droga na mão se não você irá para um mau caminho”. (Eduardo, 13 anos)

“Converso pouca coisa com a minha mãe, quase não tenho muito diálogo”. (Rafaela, 13 anos)

“Quando eu saio de noite, ela me diz para não aceitar drogas e me cuidar. E em casa quando estou rebelde, ela conversa comigo que é pra mim respeitar muito, etc...” (Anderson, 14 anos)

“Converso com eles sobre várias coisas uma delas sexo. Ele me explica tudo que tem que se cuidar, usar camisinha”. (André, 13 anos)

Q 1- Que assuntos sinto dificuldade de conversar com meus pais

Alguns jovens colocaram que existem determinados assuntos que não conversam com seus pais, apenas com os amigos. Sexo, amizades e sonhos aparecem como assuntos difíceis de serem abordados com os pais. Outros adolescentes colocam que não existe nenhum assunto que não possa ser tratado com os pais. Os adolescentes podem achar difícil conversar com os pais, pois podem temer a sua reação, ou por não querer magoá-los.

“Eu sinto dificuldade de falar sobre sexo e quando faço alguma coisa de errado”. (Ticiano, 14 anos)

”De meus sonhos, de sexo, de meus amigos”. (Pedro, 13 anos)

“Quando eu incomodo na aula eu não consigo falar para minha mãe que eu incomodei, porque ela fica muito triste. Também sinto dificuldades de pedir alguma coisa para minha mãe. Ela é sozinha para batalhar e dar as coisas para nós”. (Flávio, 14 anos)

“De meus amigos, porque todos os meus amigos ficam até tarde na rua. E meu pai diz que eles podem até já ter pegado drogas na mão”. (Eduardo, 13 anos)

Q2 - Como são as conversas que você realiza com seus pais

Conforme as respostas encontradas no primeiro questionário, a maioria dos adolescentes considera que as conversas que mantêm com seus pais são boas. Eles possuem confiança nos pais acreditando que podem contar com eles no futuro e que conseguem tirar suas dúvidas com eles. Contudo, alguns jovens admitem que acham difícil conversar com os pais e dizem mesmo não possuir diálogo algum com estes. Essas dificuldades decorrem de incompreensões paternas – os adolescentes podem perceber os pais são estressados, ou não conseguem escutá-los ou que apresentam atitudes, algumas vezes, precipitadas ou mesmo intrusivas, usando “aconselhamento”, “questionamento” ou mesmo “xingamento” para se

comunicar com os filhos.

“Boas, sinto que eles vão me ajudar no que eu precisar”. (Amanda, 13 anos)

“Boas, porque tiro minhas dúvidas” (Matheus, 14 anos)

“Olha, eu não moro com eles, mas quando os vejo trocamos e falamos de estudos e as dificuldades que eu tenho. São boas as conversas que temos”. (Carlos, 16 anos)

“Não converso muito com meu pai, mas com minha mãe converso bastante sobre o que eu sinto e acho das coisas, confio muito nela”. (Iara, 15 anos)

“Com a minha mãe é um pouco difícil, pois nos não nos acertamos ela e muito estressada. O meu pai é um anjo de pessoa, ele me entende e me dá carinho”. (Larissa, 15 anos)

“São muito boas, em casa, quando eu tenho dúvida ou outras curiosidades de alguns assuntos eu vou e converso com meus pais”. (Pedro, 14 anos)

Q2 – Questão 2 - Eu prefiro conversar sobre minhas coisas com...

O interlocutor preferencial dos jovens foi a mãe (13 jovens), seguido pelos amigos (12 jovens). O pai e os irmãos foram menos cotados como interlocutores preferenciais (apenas 4 jovens preferiram o pai, o mesmo ocorreu com os irmãos). Observamos que, dos 4 jovens, que preferiram conversar preferencialmente com o pai, três eram meninos.

Q2 - Eu falo com meus pais sobre...

Abaixo, está a tabela de frequência dos assuntos apresentados aos jovens como temáticas possíveis a serem abordadas em suas conversas com os pais.

Na tabela 1, podemos observar que os assuntos mais abordados com os pais, assinalados pelos adolescentes, foram a profissão que vou seguir (21) e escola (21). Cabe ressaltar ainda que assuntos relativos à sexualidade e contraceptivos não foram assinalados pelos jovens em suas conversas com os pais.

Tabela 1. Assuntos que eu falo com meus pais.

Assunto	Freqüência	Assunto	Freqüência	Assunto	Freqüência
Escola	21 (15,90%)	Saúde	10 (07,58%)	A vida deles	05 (03,79%)
Profissão	21 (15,90%)	Uso de drogas	09 (06,90%)	Meu corpo	04 (03,03%)
Dúvidas	12 (09,09%)	Sair à noite	09 (06,90%)	Eu não falo	02 (01,52%)
Dinheiro	12 (09,09%)	Namoro	08 (06,07%)	Outro	02 (01,52%)
Meus problemas	10 (07,58%)	Sentimentos	07 (05,03%)	Sexualidade Contraceptivo	00 (00,00%)

O total de respostas obtidos nessa categoria foi 132.

Q2 – Acho difícil conversar com meus pais sobre...

Abaixo, está a tabela de freqüência dos assuntos apresentados aos jovens como temáticas difíceis de serem abordadas em suas conversas com os pais (Tabela 2).

Tabela 2. Assuntos difíceis de conversar com meus pais.

Assunto	Freqüência	Assunto	Freqüência	Assunto	Freqüência
Meus Sentimentos	14 (15,90%)	Sexualidade	07 (7,96%)	Dinheiro	02 (2,30%)
Namoro	14 (15,90%)	Sair à noite	06 (6,80%)	Contraceptivos	02 (2,30%)
Meus Problemas	13 (14,78%)	A vida deles	06 (6,80%)	Uso de drogas	02 (2,30%)
Meu Corpo	07 (07,96%)	Meus amigos	05 (5,70%)	Outro	01 (1,10%)
Minhas dúvidas	07 (07,96%)	Minha escola	04 (4,50%)	Saúde	00 (0,00%)

O total de respostas obtidas nessa categoria foi 88.

Os assuntos que são mais difíceis de serem abordados são os sentimentos dos próprios adolescentes e as questões relacionadas a namoro, os problemas vivenciados por eles aparecem logo em seguida como outro tópico difícil de conversar com os pais, sexualidade, o corpo e as dúvidas também foram bastante referidos.

Q2 - Quando eu não converso com meus pais, Eu converso com ...

O interlocutor preferencial, quando os jovens não conversam com os

pais, são em, primeiro lugar, os amigos (21 dos 33 informantes assinalaram essa alternativa), sendo seguido pelos primos (6), irmãos (5) e outro parente (4).

Q2 - Em relação às conversas com meus pais - Eu sinto...

Os adolescentes responderam que as conversas com os pais, de modo geral, fazem bem a eles. Alguns se sentem aliviados ao conversarem com seus pais. Eles percebem que os pais se preocupam com eles e com seu futuro. Alguns ainda relatam sentir o pai como uma figura ausente. Sentimentos como vergonha ou constrangimento foram descritos nesta categoria.

“Eu sinto aliviada e pronta para seguir a vida”. (Larissa, 15 anos)

“Eu sinto aliviado ao conversar com eles”. (Carlos, 16 anos)

“Eu sinto orgulho de conversar com meus pais com tanta sinceridade”. (Pedro, 14 anos)

“Eu sinto que meus pais pensam no meu futuro”. (Augusto, 13 anos)

“Eu sinto que há um pouco da falta de meu pai”. (Rogério, 16 anos)

“Eu sinto constrangimento em conversar com meu pai”. (Guilherme, 14 anos)

Q2 - Em relação às conversas com meus pais - Eu penso...

Alguns jovens acreditam que os pais não os entendem. Outros pensam que conversar com os pais é importante e, nesse sentido, as conversas com os pais podem fazer com que tentem melhorar suas atitudes. Cabe ressaltar que cinco adolescentes não completaram esta questão. Além disso, podemos pensar que nem todos adolescentes entenderam que a pergunta era apenas em relação à conversa com os pais e deram respostas vagas – que se referem às preocupações presentes neste período.

“Eu penso que eles não me entendem”. (Luciana, 14 anos)

“Eu penso que conversando com eles os meus problemas diminuem”. (Gustavo, 16 anos)

“Eu penso como que eu vou perguntar alguma coisa para eles”. (Cristiano, 15 anos)

“Eu penso muito na vida que vem pela frente”. (Fátima)

“Eu penso que eu posso confiar neles”. (Amanda, 13 anos)

Q2 - Em relação às conversas com os meus pais - Eu gostaria...

Em geral, os adolescentes gostariam de ter um diálogo mais freqüente e aberto com os pais, no qual os pais os compreendessem melhor e os deixassem mais à vontade para falar. Além disso, os jovens parecem reconhecer que a dificuldade para o estabelecimento das conversas pode partir das suas dificuldades devido a sentimentos de vergonha em abordar certos temas.

“Eu gostaria que fosse mais fácil falar as coisas, assim eu não guardaria para mim”. (Fátima, 16 anos)

“Eu gostaria de conversar mais com meu pai”. (Tânia, 16 anos)

“Eu gostaria de não ter vergonha de conversar sobre certos assuntos”. (Daiana, 13 anos)

“Eu gostaria que a minha mãe me entendesse”. (Larissa, 15 anos)

“Eu gostaria que fosse mais fácil conversar com eles sobre namoro, sexualidade”. (Aline, 14 anos)

“Eu gostaria de ter mais conversa com minha mãe”. (Guilherme, 14 anos)

“Eu gostaria que eles estivessem sempre presente na minha vida”. (Gustavo, 16 anos)

Q2 – Em relação às conversas com meus pais - Eu não gosto...

Os jovens responderam que não gostam quando as conversas se tornam brigas, discussões e “xingamentos”. Da mesma forma, não apreciam quando desejam conversar com os pais e estes não se encontram disponíveis. Algumas situações, como “pegar no pé” e conversar com jeito de interrogatório também foram citadas como desagradáveis.

“Eu não gosto do modo que às vezes eles falam comigo”. (Amanda, 13 anos)

“Eu não gosto de interrogatório”. (Tânia)

“Eu não gosto quando eles brigam comigo”. (Daiana, 13 anos)

“Eu não gosto que quando eu chamo eles para conversar e eles falam que depois vêm”. (Aline, 14 anos)

“Eu não gosto que eles peguem no meu pé”. (Augusto, 13 anos)

“Eu não gosto quando eles me xingam por causa dos meus pensamentos”. (Gustavo, 16 anos)

Q2- Em relação às conversas com os meus pais- Eu prefiro...

Observamos que, enquanto alguns preferem desabafar com os pais, outros preferem conversar com os amigos ou guardar para si determinados assuntos.

“Eu prefiro me abrir do que guardar aquilo comigo, me sufocando de culpa”. (Matheus)

“Eu prefiro ter meus pais como meus amigos do que os do colégio”. (Pedro, 14 anos)

“Eu prefiro às vezes conversar comigo mesma”. (Renata, 15 anos)

“Eu prefiro guardar minhas coisas, prefiro não me abrir com ninguém”. (Fátima, 16 anos)

“Eu prefiro ter amizade sincera”. (André, 14 anos)

“Eu prefiro não falar sobre meus problemas”. (Lucas, 15 anos)

Q2 – Em relação às conversas com meus pais - Eu detesto...

Dentre as coisas que os adolescentes afirmaram detestar na conversa com os pais estão: desconfiança, quando os pais não acreditam no que eles dizem; quando eles realizam questionamento ou intervenções sem ter conhecimento de toda a história apresentada pelo jovem. Os jovens ainda detestam quando os pais “pegam no pé”, admitem que, para evitar isso, alguns mentem, mas afirmam não gostar de ter que fazer isso.

“Eu detesto quando eles já vêm questionando sem saber o problema”. (Aline, 14 anos)

“Eu detesto quando eles ficam desconfiando quando eu falo as coisas”. (Márcio, 15 anos)

“Eu detesto quando eu tenho razão e eles acham que tenho culpa”. (Matheus, 14 anos)

“Eu detesto falar com meus pais sobre sair à noite porque eles acham que sou muito nova”. (Júlia, 14 anos)

“Eu detesto mentir para a minha mãe sobre alguma coisa”. (Iara, 15 anos)

“Eu detesto que cortem minha liberdade como não deixar eu andar com as pessoas que eu gosto”. (Daiana, 13 anos)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os adolescentes que responderam ao primeiro questionário consideraram que as conversas que mantêm com os pais são boas, percebendo a figura materna como mais próxima que o pai. Isso vem ao encontro dos resultados da pesquisa realizada por Wagner, et al. (2002) que verificou ser a frequência do diálogo entre mãe e adolescente bastante alta.

Ainda no primeiro questionário, foi possível perceber que os assuntos que os adolescentes mantêm com os pais são, na sua maioria, impessoais, abrangendo assuntos como a escola e o ensino, de modo geral. Essas foram as respostas que obtiveram maior frequência. Outro tópico bastante abordado são os males causados pelas drogas. Parece que os pais oferecem informações e conselhos com os quais buscam manter o adolescente afastado delas. Assuntos mais pessoais, que incluíam mais os sentimentos e as vivências dos jovens, foram considerados difíceis de serem abordados. Fica evidente nas respostas dos jovens que os assuntos relacionados aos seus sentimentos, referentes à sexualidade, amizades e sonhos são tópicos sensíveis para serem abordados com os pais, na percepção dos jovens. Isso, provavelmente, decorre do medo dos jovens às reações que os pais podem ter sobre esses assuntos. Esses dados estão de acordo com a pesquisa realizada por Meneguetti e Gomes (2004) que encontraram resultados similares.

O segundo questionário nos possibilitou um entendimento mais amplo sobre a percepção do diálogo que possuem com os pais. As repostas obtidas nesse questionário foram similares ao do primeiro; os jovens consideraram boas as conversas que mantêm com os pais e reconhecem a importância dessas, porém alguns jovens relataram que nem sempre os pais os acolhem como esperam. Isso nos remete às idéias de Bolsanello (1988) que indica que o diálogo entre pais e filhos adolescentes deve ser uma prática comum, em que os filhos se sintam à vontade para dividir suas vivências. Contudo, isso não parece ocorrer. Observa-se nas falas dos jovens que eles se sentem incompreendidos, especialmente no que se refere àqueles tópicos considerados sensíveis: sexualidade, sentimento, amizades, etc..

Na questão “Eu prefiro conversar sobre minhas coisas com...” a maioria dos adolescentes prefere a mãe, o mesmo foi observado na pesquisa de Wagner, et al. (2002), que acreditam explicar tal resultado pelo fato de os jovens observarem ser a mãe a pessoa que mantém mais coerência entre seus discursos e ações. O mesmo resultado é obtido no questionário exploratório nos assuntos que os adolescentes têm mais facilidade de abordar com os pais; escola, profissões, ou seja, assuntos impessoais.

Na questão “Acho difícil conversar com meus pais sobre...” ficou confirmado que os sentimentos dos adolescentes, os assuntos particulares, não são tratados com facilidade. De maneira geral, nesses assuntos, podem surgir os maiores conflitos nas conversas, uma vez que os pais podem apresentar comportamentos mais infantis que os próprios jovens, ao apresentarem dúvidas acerca de temas como, namoro e sexualidade estão sinalizando para os pais o seu amadurecimento.

De modo geral, pode-se concluir que os adolescentes sabem que o diálogo com os pais é importante, há uma facilidade maior de mantê-lo com a mãe, mas não se sentem à vontade para tratar de assuntos mais íntimos, por temerem as atitudes que os pais possam apresentar. Observamos que os jovens gostariam de possuir conversas mais freqüentes e abertas com os pais, contudo, como vimos, diversos fatores interferem, especialmente, as atitudes dos pais percebidas por eles. É importante considerar a afirmação de Bolsanello (1988) que sugere aos pais que uma escuta atenta e tolerante é uma atitude bastante válida.

Finalmente, podemos pensar que, mesmo com tanta disponibilidade de materiais que indicam como a comunicação entre pais e adolescentes pode ser melhorada, vemos que ainda falta aos pais colocarem essas dicas em prática. Observa-se um desejo de um diálogo mais aberto e freqüente do jovem para com seus pais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABERASTURY, Arminda; KNOBEL, Mauricio. **Adolescência normal: um enfoque psicanalítico**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1981.

BECKER, Daniel. **O que é adolescência**. 3 ed. São Paulo: Editora Brasiliense S.A., 1985.

BERGER, Kathleen Stassen. **O desenvolvimento da pessoa: da infância à adolescência**. 5 ed. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos Editora S.A, 2003.

BOLSANELLO, Aurélio. **Conselhos: análise do comportamento humano em Psicologia**. 15 ed. Curitiba: Editora Educacional Brasileira S.A, 1988.

CARR, Gregg Michael; SHALE, Erin. **Criando adolescentes: como prepará-los para os desafios da vida**. São Paulo: Editora Fundamento, 2003.

CARTER, Betty; MCGOLDRICK, Monica. **As mudanças no ciclo de vida familiar: uma estrutura para a terapia familiar**. 2 ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

COLE, Michael; COLE, Sheila R. **O desenvolvimento da criança e do adolescente**. 4 ed. Porto Alegre: Artmed. 2003.

D'ANDREA, Flavio Fortes. **Desenvolvimento da personalidade**. 10 ed. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil S.A., 1991.

DIAS, Ana Cristina Garcia; GOMES, William Barbosa. Conversas sobre sexualidade na família e gravidez na adolescência: A percepção dos pais. **Estudos de Psicologia**, v. 4, p. 79-10,1999.

ERIKSON, Erik H. **Identidade: juventude e crise**. 2 ed. Rio de Janeiro: Editora Guanabara S.A., 1987.

GILLINI, Gilberto; ZATTONI, Mariatereza. **Pais em diálogo com os filhos adolescentes**. v 1. São Paulo: Paulinas, 1998.

LAVILLE, Christian; DIONNE, Jean. **A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas**. Porto Alegre: Editora Artes Médicas Sul Ltda; Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.

MARSHALL, Peter. **Agora entendo por que os tigres devoram seus filhotes**. São Paulo: Edições Loyola, 1995.

MENEGUETTI, Aldo David; GOMES, William B. **Ser adolescente: um estudo sobre as percepções, dilemas e reflexões adolescentes na família e na escola**. Erechim, RS: EDIFAPES, 2004.

MORAES, Flávia Teixeira. **Trabalhando com a educação infantil**. Canoas: Editora Ulbra, 2002.

NETTO, Samuel Pfromm. **Psicologia da adolescência**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1968.

OUTEIRAL, José. **Adolescer: estudos sobre adolescência**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1994.

RASSIAL, Jean-jacques. **A passagem adolescente: da família ao laço social**. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1997.

SANTROCK, John W. **Adolescência**. 8 ed. Rio de Janeiro: Livros técnicos e Científicos Editora S.A, 2003.

WAGNER, Ariana, et al.. A comunicação em família com filhos adolescentes. **Psicologia em Estudo**, v. 7, n. 1, p. 75-80, 2002.

WINNICOTT, D.W. **A família e o desenvolvimento individual**. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.